



João Gago da Câmara

## Paralelo 38

# Velhos e sós

*“Ser velho é estar só a atirar palavras para paredes quedas e mudas na esperança vã que alguma responda, é olhar o calendário e o relógio várias vezes a ver quanto chega o dia da visita, se é que chega”*

Porto Alto, Ribatejo. Uma casa de porta e janela com uma velhinha que a habita vestida de preto, sempre em luto do marido que partiu, sentada, sempre sentada, todo o dia, adentro da porta entreaberta, conseguindo-se adivinhar escuro lá dentro. Chama-se Balbina. É um doce. Mesmo assim está abandonada. A filha única vive longe e só a vem ver de quinze em quinze dias, diz-me ela, e é quando vem. Virá? Nunca lhe pus a vista em cima!

Presenteei a doce Balbina com uma caixa de queijadas da vila da ilha e um pacote de chá verde da Gorreana e foi ver brilhar-lhe os olhos como uma criança que olha o Pai Natal.

Balbina não tem televisão, porque penso que não terá electricidade em casa - ainda terei que lhe perguntar se assim é - pois dinheiro é coisa que não há, ou haverá pouco, naquele suposto lar. A sua telenovela diária é a rua em frente, as gentes que passam no passeio e que generosamente lhe atiram um sorriso, ou não, e os grandes camiões

vindos do sul e que lhe mandam escape para cima, como lhe dizendo contenta-te por estares viva.

A doce senhora andar á a beirar os seus noventa anos - também terei que lhe perguntar se assim é - mas terá certamente proveta idade. Estende a sua roupa amarela de usada e velha sobre uns arbustos baixos disseminados pelo terreiro do quintal que dá para a rua e que recolhe depois de intensamente poluída pelo tráfego que incessantemente percorre a estrada em frente. Vou-comprar-lhe roupa nova e vou perguntar-lhe com quanto vive por mês. Desvendarei ainda onde mora a filha e tentarei saber o seu número de telemóvel para lhe poder telefonar e dizer que tem uma mãe linda mas só. Telefonarei a uma assistente social, ou irei mesmo aos serviços, alertar que há uma vida presa a uma casa escura e triste do Porto Alto, vestindo velharias amarelas, alimentando-se de sabe-se lá o quê e sendo visitada por ninguém.

Vai fazer em maio um ano que a então Provedora de Justiça falou em casos de filhos que infor-

mam as entidades que têm os pais acamados para poderem ficar-lhes com o dinheiro das pensões e outros que lhes diminuam a terapêutica para que entrem em perda e sejam internados nas urgências dos hospitais. Que insensatez! Que nojo de gente! ... E andamos com eles ao colo, deles cuidamos, educamo-los, protegemo-los, damos-lhes amor! É, todavia, esta a resposta à gratidão, e vê-se quase porta sim, porta não. Ser velho é estar só a atirar palavras para paredes quedas e mudas na esperança vã que alguma responda, é olhar o calendário e o relógio várias vezes a ver quanto chega o dia da visita, se é que chega, é estar entregue a si próprio e ao silêncio ruidoso de um quarto; é já não conseguir sentir lágrimas de saudade e de revolta porque os olhos acabam por secar; é a constante espera, não dos seus, mas da morte que às vezes tarda em chegar e que, penso, deverá ser libertação de um mundo, o nosso, cada vez mais estupidamente desumanizado.

Balbina, vou olhar por ti.

Isabel Vasco Costa  
isacosta45@gmail.com

## Duas caixas cheias

Numa meditação que ouvi<sup>1</sup>, o pregador cantava um episódio familiar, destes que acontecem por volta de 19 março, dia de S. José, dia do pai. A protagonista da história é uma menina com cerca de seis anos. Ela está a oferecer ao pai um embrulho envolto em papel amarelo. No cartão que o acompanha o pai lê: *“Para o papá abrir sempre que precisar”*. Para seu espanto, uma vez rasgado o papel de embrulho, o papá depara-se com uma caixa vazia. A pequenita percebe imediatamente aquela expressão do pai com olhos de peixe, faz beicinho e começa a choramingar enquanto a mãe, por detrás dela, faz sinais ao marido. A reação dele é rápida e eficaz: abraça a filha, acalma-a e agradece-lhe. Já a sós com a mulher, pede que lhe desvende o enigma. A caixa estava *cheia de beijos*, pois a filha tinha passado toda a tarde da véspera ocupada nessa atividade de fornecer a caixa com uma grande quantidade de beijos para consolar o pai *sempre que precisasse*.

Este episódio da vida real, porque efetivamente aconteceu, é uma história poética, bonita, ... mas falsa no conteúdo. Os beijos da criança não estavam dentro da caixa, mas, e isto sim é real, tinham saído do seu coração para o coração do

pai. A caixa passará a ser uma consolação para ele sempre que lhe lançar um olhar. O amor entre pai e filha, entre filha e pai, cresceu e, assim o esperamos, continuará a crescer por muitos anos, se esta família abrir muitas vezes *“a caixa dos beijos”* e souber recordar e pensar sobre ela.

Numa outra “caixa”, o conteúdo é real; ela está mesmo cheia, não de beijos, mas de vida e de amor. O seu conteúdo não é visível aos olhos, ao ouvido, ao paladar... aos sentidos... e nem sequer a razão humana, mas o que contém é verdadeira Vida, e vida que se transmite a quem dela se aproxima com o coração limpo como o das crianças que são capazes de acreditar no que se não vê, como beijos e amor. Quem se aproxima dessa caixa, já leva amor para dar, e espera receber Amor, sabe que voltará mais rica em amor. Esta caixa contém um Amor que conforta. Mas é um amor exigente, como o amor de mãe ou de pai, que exigem muito dos filhos e os corrigem para que venham a ter uma vida feliz. Junto a esta caixa chega-se à vida eterna, porque ali está a verdadeira vida, o verdadeiro caminho que, com toda a verdade, nos leva à vida eterna. Esta caixa é o Sacrário. Aqui está encerrado o grande mistério de Deus escondido, naquilo que

parece ser pão à vista, ao paladar, ao tacto. No entanto, os nossos sentidos não conseguem captar a grandeza do que ali está: algo muito mais valioso que os beijos da menina e, é necessário lembrar, muito mais real e verdadeiro. Ali está o Deus misericordioso que conhece a fraqueza do coração humano e o fortalece, o perdoa, o anima, o engrandece, o eleva, o exalta e o glorifica para sempre na eternidade. Deus está nessa “caixa” para continuar à minha espera, à nossa espera, amigo leitor, e à espera de todos os homens de todos os continentes e de todas as gerações, até ao fim do mundo. É nosso Amigo e gosta de estar connosco, tem saudades nossas. Desde o nosso nascimento que anseia pela nossa companhia. Atrevo-me a dizer que... sim atrevo-me: Deus faz-nos vir ao mundo por gostar tanto de nós que nos quer para sempre com Ele **já**, desde o nosso nascimento e por toda a eternidade. Só espera que O amemos de volta, conduzindo-nos de modo a agradar-lhe, tal como fazem os namorados, os esposos, os pais aos filhos e os filhos aos pais... a ponto de podermos encher a *Caixa* de beijinhos.